

Grupo de Trabajo: El sinthome

Autor: Adriana Bauab de Dreizzen – Escuela Freudiana de Buenos Aires

Título: Corps

Dispositivo: Mesas de Grupos de Trabajo de Convergencia

27 de abril. Antepassado meu, antigo artífice, ampara-me agora e
sempre com tua ajuda. (última frase de *Retrato de um artista quando jovem*¹)

Depois da publicação do livro sobre “Sinthome: incidencias de escritura”² este grupo de trabalho, logo de algumas vacilações, decidiu seguir reunindo-se para re-trabalhar as últimas classes do Seminário XXIII. Em nossa última reunião a idéia era partir da última classe (11 de maio de 1976) para escrever algumas linhas para este Congresso.

Nesse dia chuvoso de abril, estávamos na casa de uma das integrantes do grupo, sentados ao redor de uma mesa, onde estavam os seminários, os cadernos e outras esquisitices³. O tema, que me pareceu, que de entrada presidiu a reunião, era o corpo. Digo de entrada porque, nem bem chegamos, todos nos detivemos a observar um grosso volume que em sua capa representava um desses corpos disformes, excessivos, típicos, de um conhecido pintor contemporâneo, de um nome que nos é muito familiar: Lucien Freud. E assim, esse corpo a partir da capa desse livro, desde a biblioteca, custodiou, acompanhou nossa reunião, na qual os temas abordados também girarão em torno ao corpo. O corpo e suas desordens.

É nesta classe onde Lacan escreve o nó de Joyce e onde declara que *sua escritura é essencial a seu Ego*. O Ego de Joyce está constituído por sua escritura, essa que faria emaranhar os miolos dos intelectuais por 300 anos.

¹ O livro “Retrato del artista adolescente” foi editado para o idioma português da seguinte forma: “Retrato de um artista quando jovem”.

² A. Bauab de Dreizzen, G.Berraute, A.Favre, E. Feinsilber, C.Ini, E.Tenembaum, Sinthome: Incidencias de escritura. [Sinthoma: Incidência de escritura] Ed. Letra Viva (Colección Convergencia), Buenos Aires, 2008.

³ O termo “esquisito”, conforme o Dicionário Aurélio, também remete as acepções: delicado, apurado, requintado.

Lacan embasa essa afirmação num só episódio, que vários biógrafos de Joyce relatam e que está reproduzido no capítulo II do “Retrato de um artista quando jovem” ⁴, livro que reflete parágrafos autobiográficos da infância e juventude do escritor.

Por isso, neste mesmo dia procurei o “Retrato de um artista quando jovem” e o reli buscando, com expectativas, o parágrafo no qual se embasa Lacan para dizer que em Joyce o Ego é seu sinthoma. Como a falha, o erro no enlaçamento, é diferente ao da neurose, é sua escritura o que permite que o imaginário não se escapula, não se separe do simbólico e do real.

O livro tem cinco capítulos e a sequência transcorre no capítulo dois do livro. Refere uma lembrança de uma zorra que recebeu de uns companheiros do colégio, que o chamarão de herege, e atando-lo a um arame farpado lhe surrarão com paus. O que desatou este episódio foi que, num debate literário com seus pares, Stephen havia escolhido a Lord Byron como o melhor poeta da língua inglesa, e este não gozava da melhor reputação em função de sua vida pessoal um tanto licenciosa.

O chamativo é que Stephen não guarda nem ódio, nem rancor, nem irritação com relação a seus cruéis companheiros. Lembrando o infortunado fato se refere, usando a terceira pessoa, deste modo.

“A evocação do quadro não lhe excitava à irritação. Em função disso, todas as descrições de amores e ódios violentos que havia encontrado nos livros lhe pareciam fantásticas. E ainda naquela noite, ao regressar vacilante a casa, ao longo do caminho de Jone, havia sentido que existia uma força oculta que ia tirando-lhe a capa de ódio, acumulado num momento, com a mesma facilidade com a que se descola a suave pele de um fruto maduro”.

Não parece ingênuo que o que precede a lembrança daquele episódio da surra e o que segue faça referência ao pai de Stephen Dédalus. Um pai alcoólico que o jovem

⁴ James Joyce: Retrato del artista adolescente. Alianza Editorial

tem que acompanhar pelas ruas de *Cork*, palavra que se traduz como rolha [cortiça], quando vai leiloar as últimas propriedades herdadas para poder subsistir. Essa rolha [cortiça] que era a cidade que seu pai tinha crescido que era também o material com que estava feito a moldura de uma foto de *Cork*, mas também era a rolha [cortiça] de seu pai que andava flutuando pela vida logo que a bebida o desencaminhara e o levava à ruína⁵. Entretanto, seu filho James ainda pode nadar com isso, com essa abdicação paterna (de fato, *verwerfung*) e às expensas disso, se apropriou da língua, jogou com ela, transformou-a, criou charadas. A reinventou. Fez com essa moldura sua marca.

Mas voltando ao tema do corpo: Por que Lacan lê nesse episódio que Joyce requer um Ego como *sinthoma*?

Trata-se, diz, da psicologia da relação de Joyce com seu corpo. Essa psicologia que é o imaginário do corpo não funciona. Não há função imaginária, ou melhor, essa se solta como a pele em um fruto maduro. Essa relação psíquica com o corpo, isso que é a função imaginária, que implica o vínculo entrelaçado do corpo com os afetos e que precisamente gera as mais variadas respostas do corpo; a angústia, a inibição, os sintomas, como a neurose nos demonstra permanentemente, em Joyce se separa e não pede mais que se descolar.

Isto é o suspeito, que Joyce não experimente afeto – ódio – pela violência sofrida, que o deixe cair, que o abandone, que não o sinta como um si mesmo. Esse é o Ego que não funciona em Joyce e que se supre com o artifício da escritura.

Podemos dizer que aqui o quarto [4^o], o Ego, supre o nome-do-pai, o complexo de Édipo e a realidade psíquica. Três modos com que Lacan denomina ao nó que ata as cordas de forma borromea, quando o S1 reina e o S2 se divide em símbolo e *sinthoma*.⁶ O Ego no nó de Joyce supre este que não está, o nome-do-pai, a

⁵ Vegh, Isidoro: *Disc-Joyce*. Seminário proferido na Escola Freudiana de Buenos Aires (2004). Faz referência a esta acepção do vocábulo “*cork*”.

⁶ *Sinthome: Incidências de escritura*, “*El sinthome en la clínica con niños*” [O *sinthoma* na clínica com crianças] de Aurora Favre. Em referência a como opera a sustentação fálica no nó da estrutura.

sustentação fálica. E se ocupa de que o imaginário não se escape, enquanto que o simbólico e o real se interpenetram.

O interessante é que a estrutura a recebemos já enlaçada; é no *après-coup* que podemos fazer leitura do remédio que se achou para reparar a falha. A falha que é o lugar do erro de enlaçamento, mas também é o lapso, o falho, o sintoma, o lugar onde falta a falta na estrutura.

Em Joyce, tal como Lacan propõe, no lugar de um desencadeamento psicótico, há Ego, há invenção, há escritura e *uma escritura é então um fazer que dá sustentação ao pensamento.*⁷

Creio que é neste capítulo que Lacan encerra antecipadamente o seminário, já que pela proximidade dos exames, finaliza uma aula antes do previsto, pretende nos transmitir com a escritura dos nós, com esmero, uma sutileza da clínica e que é como a função imaginária do corpo opera ou não opera na estrutura. Isto é conforme a corda do imaginário está ou não enlaçada.

Para arriscar minha tese, quando opera, estamos no campo da neurose e encontraremos as variadíssimas combinações que o corpo expressa, através de seus sintomas, aquilo que é uma transação de gozo incestuoso.

Recebo uma paciente, vamos chamá-la de Ana, que é enviada por causa de fortes dores de cabeça que se estendem à coluna cervical. Não se encontrou nada, nos diversos exames, que as justifiquem. Relata que essas dores começaram em uma turnê ao exterior que fez a Companhia de Dança na que ela tem um papel de protagonista. Era a primeira vez que deixava a seu filho Agustín já que esta vez a turnê era mais extensa e cansativa. Ao planejar a viagem começaram as inoportunas dores que fizeram com que em algumas sessões tivesse que ser substituída. Quando chega a consultar, de volta da viagem, está muito angustiada; chorando diz que o que mais gosta de fazer é dançar e não pode fazê-lo. Relata que

⁷ Seminário XXIII, classe de 11 de maio de 1976.

sua mãe a levava às aulas desde muito pequena e que foi muito triste para ela que um câncer metastático a tenha levado sendo jovem, no momento em que a paciente começava a progredir em sua carreira. É aí que recorda que em pouco tempo que a mãe faleceu, nasceu seu primogênito, Agustín. Ficou grávida, desse modo tão peculiar que às vezes as mulheres têm de ficar grávidas em momentos críticos de suas vidas e o diz desse modo “Me meti de cabeça em Agustín”. Logo de alguns anos, a turnê e a distancia a que esta o submeteu de seu filho, onde ela se havia metido de cabeça, depois da morte de sua mãe; reavivou as dores que não havia podido elaborar. Tomaram lugar em seu corpo cefaléias e dores cervicais, que cederam logo de iniciada a análise.

Na neurose, o nó do fantasma⁸, que repara a falha num lugar diferente de onde jaz o erro, permite localizar o esforço que o soma exige ao psíquico e o que disto resulta: um gozo parasitário que adoece o corpo.

A função imaginária opera e o corpo imaginário⁹ é a sede do que afeta o corpo, os afetos. Em nossa prática, como analistas, é a partir do corpo do simbólico, operando com a falta, que a linguagem cobra vida e comove o real do gozo.

⁸ Ver *Sinthome. incidencias de escritura*. “*Construcción del sinthome*” [Construção do Sinthoma] E. Tenenbaum destaca que há dois modos de reparação borromeana. A do nó do fantasma, quando não é no lugar do erro do cruzamento no nó e responde a equivalência entre os sexos – não há relação sexual – e outra reparação, a do sinthoma, quando a reparação se produz no lugar do erro do cruzamento e dá lugar à invenção.

⁹ Bauab de Dreizzen, Adriana: *De la angustia al deseo* [Da angústia ao desejo], Ed Letra Viva. Ver distinção entre corpo real, imaginário y simbólico, pag.114.